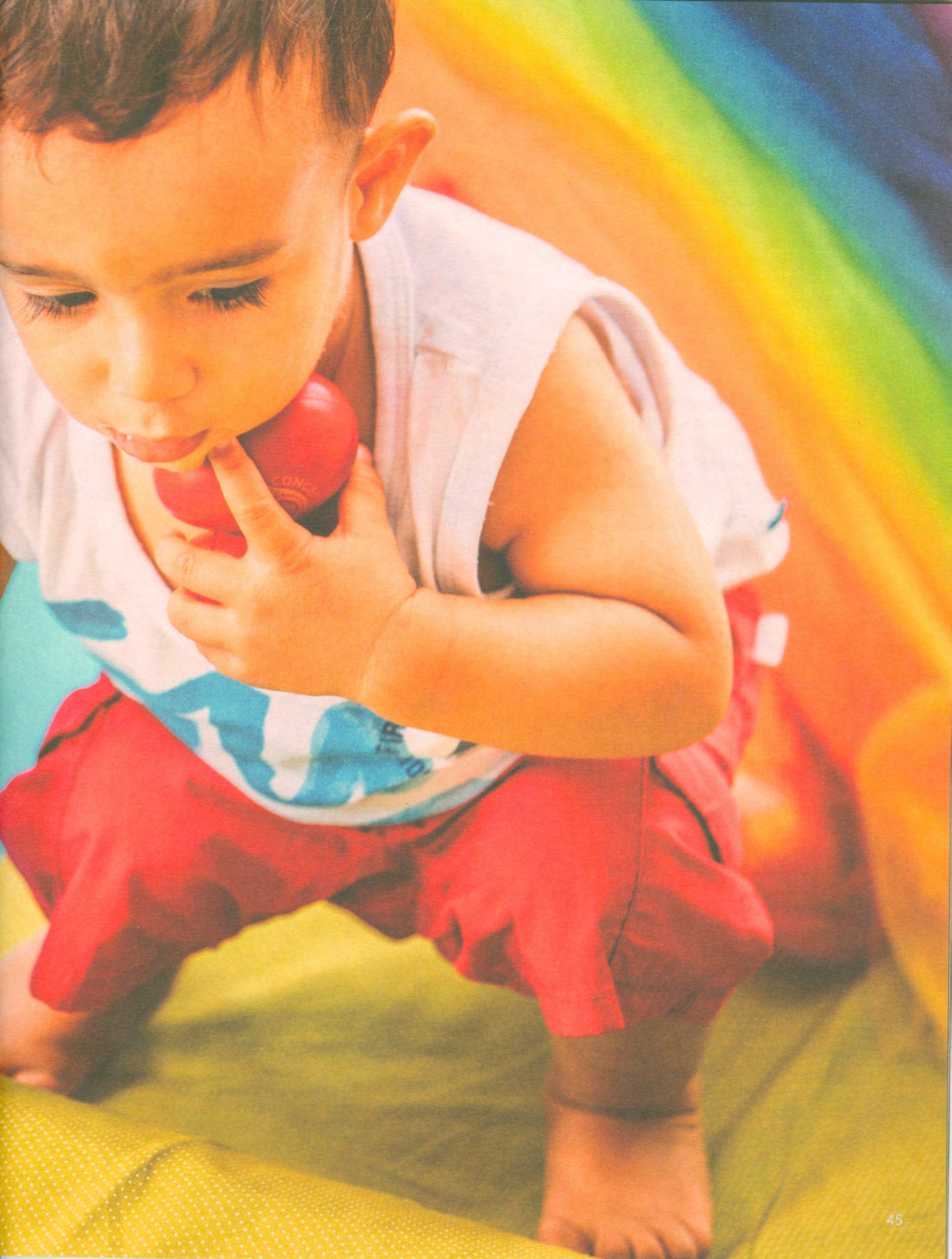




Arte e
cultura
para
bebês

Por Maíra Valério
Fotos Thais Mallon



Todo mundo sabe que bebês são seres humanos muito fofinhos que acabaram de chegar ao mundo e precisam de amor e cuidado, certo? Contudo, nem todo mundo sabe que isso não significa que eles não consigam vivenciar ativamente experiências poéticas profundas enquanto absorvem acontecimentos ao redor. Ao longo da história da humanidade, o conceito de infância enfrentou inúmeras variações. Os pequenos, antes vistos como meras versões miniaturizadas e inferiores de adultos, passaram a ser respeitados como sujeitos com direitos e capacidades próprias – ou, pelo menos, deveriam ser. O senso comum, no entanto, ainda alimenta a percepção da criança como uma possibilidade que está por vir, o que acaba por sufocar, em alguns momentos, toda a potência do que ela já é no presente.

Em 1928, o poeta e dramaturgo espanhol Federico García Lorca já alertava que a capacidade de compreensão de uma criança poderia ir muito além do que os adultos imaginavam. Durante uma conferência sobre canções de ninar realizada em Madrid, ele enalteceu a fé criadora infantil que, sem o desestímulo dos mais crescidos, não deixa brotar a semente da razão destrutiva. É com esse espírito que artistas e pesquisadores de Brasília andam criando uma forte movimentação no sentido de produzir arte para bebês. “Para bebês?”, você pode estar se perguntando. É isso mesmo. Teatro, dança, literatura... Muitas são as áreas em que os pequeninos estão sendo levados em conta como público-alvo e, nos últimos anos, a oferta de atividades disponíveis na cidade para a chamada “primeira infância” anda cada vez mais diversificada.



Clarice Cardell

Menos hierarquias e mais trocas de experiências

Quando se fala em arte para bebês, a Cia. La Casa Incierta é uma das precursoras não apenas em Brasília, mas na Espanha – país onde o grupo foi originalmente fundado pelo diretor espanhol Carlos Laredo e pela atriz brasileira Clarice Cardell. O casal se dedica a pesquisar e executar atividades relacionadas ao tema desde os anos 2000 e, há cinco anos, decidiu trazer a companhia para a capital federal, terra natal da atriz. “A gente viu que aqui no Brasil não tinha absolutamente nada na área e, naquele momento, existia uma abertura muito grande para algo tão novo como a questão da primeira infância e a pauta da cultura”, explica Clarice.

Até hoje, foram criados 14 espetáculos teatrais diferentes pela companhia, que traz na bagagem cerca de 3000 apresentações realizadas pelo mundo inteiro. Além do Brasil e da Espanha, outros países estão na lista dos que foram visitados pelo grupo, como Portugal, Itália, Holanda, Rússia, Israel e muito mais. “A gente faz um trabalho muito pioneiro. E ele é muito importante porque traz um discurso humanista em que afirmamos que o ser humano não é uma tábua rasa onde o adulto tem todo o poder e ensina, em uma relação vertical, a criança que nada sabe”, ressalta Clarice. “Com o nosso projeto artístico, a gente tenta subverter essa ordem e simplesmente reivindicar as crianças como seres humanos com uma profunda capacidade poética”, acrescenta.

Em março, eles estreiam o espetáculo *O Canto do Medo*, que vai fazer um passeio pelo mundo dos temores da infância. Após tantos anos trabalhando com bebês, Clarice afirma que o que o grupo faz é teatro, simplesmente teatro, como qualquer outra companhia – e que os pequeninos não trazem nenhuma espécie de limitação artística para os criadores. Isso pode ser notado nas escolhas estéticas do grupo, que fogem da gritaria colorida e açucarada que convencionou-se em mídias tradicionais como sinônimo de infantil. Contudo, para a companhia existem duas regras importantes a serem

seguidas: embora não exista fórmula no quesito formato ou linguagem ao lidar com os pequenos, é sempre importante ter poucas crianças na sala e manter a proximidade com a plateia. “É necessário que haja um encontro”, ressalta a atriz.

Segundo Clarice, o nível de intensidade que os bebês exigem dos intérpretes é alto, o que se torna um desafio para quem está atuando. Eles não fingem ou agem por educação e precisam ter a atenção capturada de segundo a segundo. “O público dos bebês é um público que está absolutamente no aqui e no agora, e eles necessitam que um ator esteja no aqui e no agora. E, diga-se de passagem, o sonho de qualquer artista é estar efetivamente no aqui e agora”, diz a atriz, com a serenidade de quem sabe que manter o foco no momento presente é uma das grandes buscas do mundo adulto atual.

A pretensão principal da companhia não é obrigatoriamente ensinar algo – o desejo maior é um “compartilhamento estético de enlevamento e beleza com o público”, revela Clarice. Mas o trabalho acaba, sim, tendo uma função pedagógica, inclusive para pais e professores. “Entrar no teatro e ver 40 bebês competidos em uma experiência artística que foge dos clichês do que se convencionou para crianças faz os adultos se questionarem quem são essas pessoas que estão ao lado deles”, conta. “É aí que digo que é um projeto com uma reivindicação humanista, de ter uma relação de troca com as crianças”, celebra.

Bebês nascem poetas

Para possibilitar o encontro entre diferentes formas de expressões artísticas do mundo inteiro e que sejam voltadas para a primeira infância, a Cia. La Casa Incierta realiza o Festival Primeiro Olhar – que acontece também em São Paulo e Rio de Janeiro em parceria com outros grupos. Este ano, a edição brasileira do evento caminha para a 6ª edição e está prevista para acontecer em setembro. Além de apresentações abertas ao público, são ministradas oficinas e palestras específicas para artistas, com o objetivo de profissionalizar e impulsionar o cenário da arte para bebês.

A companhia está também por trás da pesquisa *Bebês Nascem Poetas*, a ser divulgada ainda no primeiro semestre deste ano por um blog de mesmo nome – e que vai trazer a opinião de pedagogos, psicanalistas e outros profissionais. Bebês e adultos foram monitorados com sensores elétricos enquanto assistiam a espetáculos teatrais e, segundo resultados preliminares, os pequeninos realmente possuem uma sensibilidade à flor da pele. “Há 15 anos fazendo isso ninguém precisa me convencer de como crianças têm uma capacidade artística muito maior do que os adultos na relação com a arte. Mas a gente precisava ter um respaldo científico para isso”, explica Clarisse. Ela compartilhou ainda o desejo do grupo de expandir a criação voltada para bebês para outros meios: em breve, a La Casa Incierta lança também um canal online chamado *Bebelume* com uma série de poemas em vídeo.

Políticas culturais para a primeira infância

Paralelamente ao trabalho artístico, a atriz faz parte da Rede Nacional da Primeira Infância, que aglutina mais de duzentas organizações não-governamentais que se dedicam à pauta da primeira infância no Brasil – e que há 3 anos ajudou a criar o Marco Legal da Primeira Infância. Em conjunto com o Plano Distrital pela Primeira Infância, aprovado em 2013, o marco ressalta, entre outras questões, a importância da cultura na experiência de vida dos pequeninos. A partir daí, foi possível sensibilizar gestores do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC – DF) para a criação de um edital específico para criação e circulação de espetáculos para a primeira infância.



Voz e vez para bebês

A atriz Cirila Targhetta se apaixonou pelo teatro voltado especificamente para os pequenos quando ainda estava cursando Artes Cênicas na Universidade de Brasília (UnB). O gatilho inicial, veja só, foi uma palestra da Clarice Cardell. “Fiquei chocada, eu nunca tinha visto aquilo”, relembra. Inspirada pela nova área que se abria em seu caminho, a artista decidiu mergulhar de vez nesse universo. “Escrevo muito. Eu tinha um conto chamado *Alma de Peixe* e convidei o José Regino, do Celeiro das Antas, para me dirigir. Em 2009 estreamos o nosso primeiro espetáculo [de mesmo nome do conto], que foi um dos primeiros espetáculos para bebês da cidade”, conta Cirila.

Ela é uma das fundadoras do Coletivo Antônia, que começou a nascer também em 2009 a partir de uma parceria com a atriz e performer Tatiana Bittar. Hoje o grupo conta ainda com a atriz Kamala Ramers, o compositor e músico Euler Oliveira e colaborações diversas de outros profissionais de acordo com as necessidades de cada projeto. Além de *Alma de Peixe*, outros dois espetáculos fazem parte do repertório do coletivo: *Voa* e o recente *Bubuia*, que ganhou os palcos no ano passado. “O *Bubuia* é a nossa adaptação, a nossa leitura do *A Terceira Margem do Rio*, [conto] do Guimarães Rosa”, diz Cirila.

Mas, será que o escritor mineiro não é um tanto quanto complexo para os bebês? A atriz afirma que não. “A gente se arrisca porque a gente entende que não existe nenhuma restrição temática. Não temos que ter nenhum medo, mas o grande desafio é como levar esse conteúdo”, explica. De volta ao departamento de Artes Cênicas da UnB, ela desenvolve essas questões – e muitas outras – em sua pesquisa de mestrado sobre poética cênica para a primeira infância. E entre apresentações e estudos, o Coletivo Antônia vai construindo o próprio estilo. “A Clarice e o La Casa trabalham muito com o texto. Não necessariamente como algo linguístico, mas com o som e como o som chega até a criança. Já o Antônia não utiliza muito a palavra”, exemplifica a atriz. Isso significa que, em cena, o corpo é exaltado, e experimentações com outros sentidos são realizadas – o que incluem até mesmo recursos da aromaterapia.

Cirila afirma que é comum os pais ficarem impressionados com a receptividade dos filhos e filhas ao teatro e, para ela, desfazer a hierarquia entre os pequenos e os adultos é fundamental para a construção de uma sociedade com novos valores. “Tenho escrito muito sobre a importância política de a gente trabalhar com bebês para dar voz e vez a eles. Eles são absolutamente marginalizados”, declara. Essa marginalização acontece, na visão da atriz, por meio de crenças que colocam os adultos no topo dos saberes e as crianças como pessoas incompletas, que “não entendem nada, mas que um dia irão aprender”.



Coletivo Antônia

O recorte que o coletivo abrange envolve bebês entre 3 e 6 meses a crianças de 5 anos de idade. Isso é algo relativamente recente, visto que o início do que se conhece, pelo menos na cultura ocidental, sobre teatro para bebês está ali no início da década de 90, na França – e em algumas regiões da Itália. “E lá na França, eles começaram a trabalhar muito com creches, professores e professoras. Eles iam criando e testando. E o Antônio sempre cria assim”, revela Cirila. Em uma dessas experiências em creches, uma criança levou um punhado de folhas secas para o cantinho da sala após uma apresentação de espetáculo, e começou a amassá-las. Quando indagada, respondeu: “é chuva”.


Consciência corporal de pessoas e pessoinhas

O músculo que liga a parte inferior à parte superior do corpo, e permite que ele se levante, é chamado psoas. Ele sofre também interferências de estados psicológicos e, por isso, é conhecido como “músculo da alma”. Sob essa influência, o Grupo Psoas e Psoinhas tem o objetivo de colocar pessoas grandes e pequenas em contato com a própria consciência corporal e emocional. Com um projeto de valorização da sensibilidade, o grupo trabalha com teatro, dança, circo e outras manifestações artísticas. “A gente pensa na primeira infância e em tudo que rodeia essa primeira infância: mães, pais, educadores”, conta uma das fundadoras, a atriz e bailarina Katiane Negrão.

O Psoas e Psoinhas surgiu em 2015 e, além de Katiane, traz as artistas Julieta Zarza e Suzana Prado no núcleo principal. O fértil encontro foi motivado por uma oficina realizada durante o Festival Primeiro Olhar cujos resultados logo deram origem à primeira montagem do grupo: O Círculo. O espetáculo, que tem o circo e o circular como temas principais, mescla também música e dança em diferentes cenas que promovem estímulos visuais e sensoriais para os bebês.


O outro projeto do grupo é o recente *Amana: Dança Para Bebês*, com direção do concorrido José Regino e voltado para os pequeninos que possuem até 3 anos de idade. A base da montagem traz alguns dos princípios da educação somática – uma frente pedagógica teórico-prática que tem foco no movimento do corpo e possui diversas possibilidades de abordagens. A utilizada para o espetáculo foi a do *Body-Mind Centering (BMC)* – Katiane é Educadora do Movimento Somático pelo Método BMC –, uma técnica que visa trabalhar como a mente pode ser expressa por meio do corpo, e vice-versa.

Katiane Negrão



Durante o processo criativo, o grupo trabalhou com a memória ancestral feminina por meio de movimentos que foram base do repertório criativo que está na montagem. Padrões de movimento e memórias corporais aquosas e fetais fizeram parte do processo do *Amana* – que em tupi-guarani, significa “água que vem do céu”. “A gente que é da dança contemporânea faz muitas aulas de educação somática, que não é uma formação, mas tem *workshops* e oficinas. A educação somática trouxe esse olhar da consciência corporal para a dança contemporânea, e a dança contribuiu para o estudo da educação somática”, explica Katiane para os mais curiosos.

Além das apresentações, o grupo realiza também oficinas com educadores e encontros de improvisações em dança com bebês e seus pais, mães ou responsáveis – as chamadas *Baby Jams*. O intuito é ressaltar a importância do toque, do afeto e do estar junto. “É muito legal quando você vê o pai rolando no chão com o bebê. Está sendo um aprendizado. A gente fez uma *baby jam* em que um pai falou assim: ‘nossa, percebi o quanto tenho que tocar mais os meus filhos’...”, diz. “Movimento é conhecimento, a criança está aprendendo a cada movimento que ela faz. A inteligência está no corpo todo”, acrescenta a dançarina.



Movimentando a mente

Na hora de dormir, a filha mais velha de Alessandra Roscoe costumava ser exigente: queria uma história que fosse só dela e da mãe. “Meu primeiro livro eu publiquei em 2004, mas a história nasceu muito antes, na beira da cama”, conta a jornalista e escritora, que traz na bagagem mais de 40 títulos literários feitos para a infância e trabalha também com a questão da mediação da leitura.

Durante as três vezes em que ficou grávida, a escritora costumava ler para a barriga – e também para os bebês depois de nascidos – e assim se consolidou a sua trajetória na arte para os pequenos. “Eu sentia muita falta, como leitora, de livros feitos para se ler partilhando, ler em voz alta com um bebê de três meses, por exemplo, que ainda não tem o letramento, ainda não segura o livro, mas se encanta com a leitura”, explica. “Comecei a escrever narrativas, não era só uma coisa tátil”.

Atualmente, a escritora se dedica ao *Uniduniler: Todas as Letras*, projeto que começou como um clube de bebês leitores e hoje reúne diversas ações que envolvem a disseminação do hábito de ler e o



Alessandra Roscoe

compartilhamento da leitura com os pequeninos. Uma das iniciativas desenvolvidas no âmbito do *Uniduniler* é a Terapia da Palavra, onde Alessandra realiza leituras em ambientes hospitalares como incubadoras ou alas de internação com o intuito de levar músicas, histórias e uma voz afetiva para esses locais. “A realidade de uma mãe com um bebê dentro da UTI [Unidade de Terapia Intensiva] é muito dura”, desabafa.

O *Asas da Liberdade* é uma outra ramificação do projeto, e envolve a leitura compartilhada com bebês e mães em situações de encarceramento. “A leitura é uma desculpa para a gente estar lá, juntas, dando uma possibilidade de elas saírem daquela realidade”, diz. O *Uniduniler* abarca também outras formas de atuação e, por meio do projeto, Alessandra realiza ainda o *Festival Itinerante de Leitura*, que agrega músicos, ilustradores, escritores e artistas em geral – e que este ano está indo para a 6ª edição.

Para a jornalista e escritora, trabalhar a leitura com a primeira infância auxilia o bebê em diversos aspectos. “Você trabalha o emocional deles com a questão de segurança. O bebê sabe que o momento em que você está lendo o livro, você está com ele, que você está levando a um espetáculo, você está com ele”, ressalta. “E eles conseguem transitar nesse meio simbólico de uma maneira muito pura, muito bacana, e isso traz benefícios cognitivos e emocionais”. Contudo, ela faz um alerta: “para ser artista que trabalha com a primeira infância, você tem que basicamente ser verdadeiro, porque eles são muito verdadeiros. Eles têm uma capacidade de transpor o concreto muito maior que a nossa”, reflete. “Os bebês são essencialmente poéticos”.

Bebês não são apenas assunto de mulheres

Gabriel Guirá é um artista multidisciplinar que também possui investigações e inquietações relacionadas ao público da primeira infância. “Eu acho que a gente, conforme cresce, vai colocando máscaras sobre máscaras. O que eu sei, o que eu tenho, o que eu faço, tudo isso fica acima do que eu sou”, diz. “E quando você está diante de um bebê, que ainda não tem nenhuma máscara, porque elas vão sendo dadas conforme a gente cresce, ele vai tirando camada por camada daquilo que te esconde e te revela quem você é verdadeiramente”, acrescenta.

A partir de um conto homônimo de autoria própria, ele criou o espetáculo *Relicário* em 2016, em parceria com Hyandra Ello. A montagem propõe um diálogo que aborda a vivência dos bebês ao mesmo tempo em que resgata nos adultos a memória do que eles já viveram por meio de uma viagem em um barquinho que navega por relíquias como objetos, símbolos, músicas, espaços e gente. “Como a infância é a nossa raiz, por mais que a gente cresça, nunca vamos estar desvinculados dela. Enquanto artista para a primeira infância, me vejo muito reconectado com a minha própria. Isso só se tornou cada vez mais potente com a minha paternidade”, compartilha o artista – que é ator, escritor, poeta e designer.

As referências teóricas de Gabriel envolvem filósofos como Gaston Bachelard, que destacou o caráter durável da infância, e outras figuras masculinas. Contudo, ele é um dos poucos homens em Brasília a trabalhar e pensar nesse público específico. “Não acho que seja à toa que um dos países mais machistas do mundo tenha tão poucos homens fazendo arte para a primeira infância, como tem tão poucos homens na pedagogia e tão poucos homens com o nome na certidão de nascimento dos filhos”, lamenta. “Acho que isso tudo está

muito vinculado, acho que os homens estão sempre tentando fugir dos territórios que os colocam em exposição. É uma distância que os homens resolvem tomar de suas próprias fragilidades”.

Gabriel trabalha com esse público há mais de uma década. No entanto, é muito recente o respeito que ele adquiriu pelo que os pequeninos representam na sociedade. “Não tem como você fazer arte para a primeira infância sem olhar a criança como um ser já completo, no seu tempo, e não como um protótipo de adulto, como em muitos outros lugares muitas outras pessoas olham”, explica. “Acaba que a arte para a primeira infância



é o único território em que a criança recebe esse olhar de respeito que valoriza suas capacidades poéticas de imaginação e de cidadania, porque até mesmo a escola muitas vezes olha para a criança como um esboço do futuro. Se a gente fosse mais conectado com a criança que fomos seríamos todos pessoas muito melhores". ■

Saiba mais:

lacasaincierta.com
coletivoantonia.com
grupopsoas.com
uniduniler.com.br
gabrielguira.com

Gabriel Guirá